

Dos Conteúdos Representacionais às Representações Sociais

ELIZABETH S. SOUSA (*)

Em 1961, Moscovici sugeria que os indivíduos e os grupos produzem sobre si-próprios, sobre os outros e sobre o que os rodeia interpretações que lhes permitem adequar os comportamentos nas diferentes situações. A estes modelos avaliativos que articulam informações a que os indivíduos têm acesso bem como atitudes em relação aos objectos se convencionou chamar de representações sociais. Não obstante o interesse da noção, e, as discussões que suscita (cf. por exemplo Aebischer, Deconchy & Lipiansky, 1990; Doise, 1984, 1985; Eiser, 1986; McGuire, 1986; Marques, 1983; Moscovici, 1985; Paes, 1987; Potter & Litton, 1985; DeRosa, 1990; Vala, 1984, 1986) desde há mais de um quarto de século, a sua especificidade continua por estabelecer: a realidade das representações sociais é mais fácil de ser apercebida do que o próprio conceito (Moscovici, 1976).

Princípios geradores de tomadas de decisão que ocorrem no processo de comunicação (Codol, 1984; DiGiacomo, 1981; Doise, 1985; Farr, 1984; Herzlich, 1973; Moscovici, 1973, 1981; Paez, 1987) ligados às inserções sociais dos indivíduos (DiGiacomo, 1980, 1981; Gilly, 1980)? As teorias dos próprios investigadores sobre esses objectos sociais (Glady, 1986)? Imagens que condensam um conjunto de significações partilhadas por um conjunto de indivíduos (Abric, 1987; DePaolis, 1988; DeRosa

& Schurmans, 1989; Doise, 1988; Durkheim, 1898; Jodelet, 1984; Moscovici, 1961; 1976; Moscovici & Hewstone, 1984; Vala, 1984)? As ambiguidades no plano teórico não deixam de se reflectir nas estratégias de investigação que raramente visam testar os mecanismos postulados.

Neste texto procurar-se-á questionar a forma como os conteúdos representacionais são postos em evidência: o contexto social em que são emitidos, e, os critérios sob base dos quais se afirma a existência de representações sociais.

DAS SIGNIFICAÇÕES DA NOÇÃO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL

O papel das identificações sociais

Quando é pedido a uma pessoa para evocar um determinado objecto social, é razoável assumir que ela não o faz no *vacuum*, mas a partir de um conjunto de pontos de vista que tem sobre a estrutura da sociedade, e, de um conjunto de informações resultantes da sua experiência directa e indirecta (Chombart-de-Lauwe, 1984; Hewstone, 1989; Sousa & Leyens, 1987). Esta forma de ver o mundo resulta de elaborações cognitivas do próprio indivíduo sobre o seu valor no mundo e do suporte social que ele aí obtêm (Sousa, 1988).

Se eu viver num mundo que me exalta constantemente a existência de um isomorfismo

(*) Professora Auxiliar do ISPA. Unidade de Psicologia Social, ISPA.

entre o dimorfismo sexual e psicológico traduzido em dois mundos diferentes: o do homem ligado à esfera profissional e, o da mulher, ligado à esfera da família, como interpretar a ascensão e o investimento femininos no mundo do trabalho? A argumentação que sustenta as opiniões emitidas sobre este ou outro tema será semelhante em pessoas que se posicionam de uma mesma forma relativamente ao objecto, contrastando com a de pessoas que se situam diferentemente nesta matéria. De forma convincente, DiGiacomo (1980, 1981), aborda esta questão no já célebre estudo dos 10.000. Por ocasião de um movimento reivindicativo de estudantes num *campus* universitário Belga o autor comparou as representações que estudantes desse *campus* tinham sobre si-próprios e sobre o comité que se havia constituído para liderar o movimento. Os resultados sugeriram a independência destas representações: os estudantes diferenciavam-se do comité em termos das identificações socio-políticas que este suscitava. Conclusões semelhantes retiraram Sousa, Mahjoub e Leyens (1986) de um estudo sobre a percepção das relações entre blocos mundiais. Por ocasião da realização de um colóquio sobre co-desenvolvimento Norte/Sul, estes investigadores interrogaram indivíduos destes blocos mundiais sobre a forma como conceptualizavam as relações Norte/Sul em termos de vectores como a tecnologia, a cultura, a democracia e a regionalização. Os resultados evidenciaram uma grande semelhança nas respostas dos inquiridos do Norte e do Sul, traduzida numa depreciação do Sul e exaltação dos padrões do Norte. Os inquiridos do bloco Norte mostraram-se interessados no co-desenvolvimento apenas na medida em que este era uma solução possível para os problemas de crise do Norte. Os inquiridos membros de países do bloco Sul (confrontados com um pedido do Norte) consideraram mais adequado utilizar o discurso do Norte sobre o Sul, desidentificando-se assim dos valores do Sul. Notar-se-á, no entanto, que os investigadores limitam-se a postular que as identificações sociais estão subjacentes aos conteúdos que relevam. Uma excepção é o estudo de Sousa (1989) sobre o papel das identificações sociais nos conteúdos representacionais. Esta investigadora vem

mostrar que é a componente emocional da identificação a um grupo que estrutura os conteúdos evocados: os indivíduos, cognitiva e emocionalmente identificados a um grupo, centram-se em aspectos relevantes da pertença ao grupo para o seu sentimento de positividade enquanto que os indivíduos cognitiva mas não emocionalmente identificados depreciam o grupo procurando distanciar-se deste.

A produção de representações sociais aparece assim associada ao jogo das relações intra- e inter-grupais existentes no seio de uma matriz social, e, mais especificamente, às identificações sociais.

Representações e auto-apresentações: a lógica do camaleão

Uma outra faceta das produções discursivas é a sua função pragmática (Watzlawick, 1988). Curiosamente, nas discussões sobre representações sociais este aspecto é negligenciado.

As representações sociais são representações de objectos e de alguém (Jodelet, 1984) que emergem num contexto de comunicação (Moscovici & Hewstone, 1984; Paez, 1987). Neste contexto, o(s) interlocutor(es) presentes física ou simbolicamente assumem relevância especial para o emissor. Procurar descrever o objecto com rigor, coordenar perspectivas com o interlocutor, evidenciar-se ou proteger a sua auto-estima, fornecer respostas funcionais, são estratégias a utilizar conforme as circunstâncias. Como o mostram estudos noutras áreas do saber o indivíduo tem de levar em consideração a imagem que dá aos outros (Sousa, 1988). Isto é, o indivíduo através dos meios disponíveis — o seu discurso — tentar convencer os outros do seu valor em relação a dimensões socialmente valorizadas. Daqui decorre que as produções linguísticas de um indivíduo não correspondem a uma forma única de ver o objecto social mas sim à forma possível de ver o objecto social tendo em conta os condicionalismos da situação em que eles são emitidos; as características do experimentador, as audiências presentes física e/ou simbolicamente, os pressupostos partilhados. Este raciocínio é ilustrado por uma investigação sobre vandalismo nos *campus* universitários

Belgas (Sousa, 1987). Neste estudo procurou-se estudar a plasticidade dos conteúdos representacionais manipulando para este efeito a proveniência do estudo e a audiência que lhe está associada *ingroup* vs *outgroup*. O estudo realizou-se no fim do primeiro quadrimestre, numa altura em que a pertença Louvanista era saliente e importante na definição social dos indivíduos devido às actividades culturais desenvolvidas no *campus* universitário, e ao uso de indumentárias próprias muito em voga. Os sujeitos foram informados de que se tratava de um estudo sobre vandalismo no *campus* levado a cabo pelos órgãos responsáveis do próprio *campus* (UCL) ou por uma universidade rival (ULB). A análise do léxico veio mostrar que a manipulação experimental operada na proveniência do estudo afectou a expressão verbal dos sujeitos: os indivíduos produziram respostas determinadas situacionalmente. Na condição *outgroup* o léxico foi mais reduzido e estereotipado, apelando para um menor número de dimensões, do que na condição *ingroup*.

Importa, no entanto, saber do estatuto a dar a tais produções linguísticas. Mero conjunto de opiniões que resultam de um acto de comunicação e que se referem a resíduos mnemónicos de informação recolhida no meio? Representações sociais, e se sim à luz de que critério?

A primeira hipótese é perfeitamente plausível no que concerne a condição *outgroup* pois que o léxico evocado pode ser encontrado na imprensa escrita da época, mas, não é na condição *ingroup*.

Representações sociais? Sim, se as definirmos como uma forma de discurso (Windish, 1982). A sua maleabilidade (DiGiacomo, 1981) traduz-se no facto de que a auto-apresentação do experimentador — *outsider* (oriundo da ULB) vs *insider* (UCL) — suscitou leituras diferentes nos inquiridos: na condição *outgroup* os conteúdos apontam para uma distorção defensiva (pondo em causa a legitimidade da Universidade rival na condução do estudo) enquanto que na condição *ingroup* se observa uma abertura dos inquiridos para reflectir sobre o assunto.

Afirmar que se trata de princípios geradores de tomadas de decisão (cf. DiGiacomo, 1980,

Doise, 1985) seria puramente especulativo na medida em que este aspecto não foi directamente medido. Com um pouco de esforço interpretativo poder-se-ia pretender que o conteúdo fosse negativo e assim sugerir que os inquiridos têm uma representação negativa deste fenómeno. No entanto, os aspectos afectivos não foram medidos podendo esta leitura resultar das concepções do próprio investigador — um observador — (cf. Farr, 1984; Glady, 1986). Por outro lado, se aceitarmos a definição de representações sociais que consigna a partilha de conteúdos semânticos pelos membros de uma colectividade (Herzlich, 1972; Chombart de Lawe, 1984; Kaes, 1968) e, que apela para o contraste entre grupos e categorias sociais, é questionável considerar estas produções discursivas representações sociais. Estamos em presença de uma colectividade cujo léxico se divide em função de uma manipulação experimental. Na realidade, isto conduz-nos a um outro implícito dos estudos sobre representações sociais: os inquiridos que apresentam o mesmo tipo de léxico posicionam-se da mesma maneira na matéria.

Representações sociais e sistemas linguísticos

Muitos dos estudos no âmbito das representações sociais consideram o funcionamento cognitivo das representações quase que de forma independente do funcionamento dos sistemas semióticos através dos quais elas emergem (ex. Jodelet, 1976). No entanto, um diálogo não se conclui de determinada maneira porque as regras de boa formação de um enunciado assim o exigem mas, porque o estado epistémico do inquiridor o exige. Como o afirma Hintikka (1981) uma questão e a sua resposta não teriam sentido se o pano de fundo epistémico fosse idêntico. Isto pressupõe portanto que os interlocutores trocam elementos de conhecimento que lhes permitirão situar-se em relação ao objecto e à audiência presente física ou simbolicamente. Nesta óptica, o discurso dos sujeitos não é visto como uma teoria que funciona à transparência e em termos do episteme clássico (LeComte & Glady, 1989; Ramognino, 1984). Poder-se-á então especular sobre a significação do consenso das respostas dos inquiridos. Dado o estado epistémico do

experimentador (frequentemente um *outsider*) não ser de esperar uma estereotipia do léxico dos inquiridos? Dado o carácter pragmático das produções discursivas, a posição teórica segundo a qual é a partilha de conteúdos que define uma representação social leva-nos a questionar o interesse da noção relativamente à de opinião. Por outro lado, a tese defendida por DiGiacomo (1980, 1981, 1987) no que concerne a centralidade dos aspectos emocionais e afectivos e a articulação com os comportamentos conduz-nos a uma pista de trabalho não abordada até hoje de forma convincente: a necessidade de investigar o papel da dimensão afectiva das representações sociais, de mostrar que as estruturas observadas relevam da dinâmica colectiva criada tendo uma função social (DiGiacomo, 1980, 1981). Com vista a levantar pistas nesta matéria, Sousa e Cuvelier (1986) dividiram os sujeitos em dois grupos de acordo com a suposta proveniência do estudo *ingroup* vs *outgroup*, e, pediram-lhes para associar ideias aos estímulos «Louvain-la-Neuve», «Vandalismo» e indicar a pertinência dos estudos sobre o tema e deste estudo em particular. Num segundo momento, um experimentador informou os sujeitos dos resultados de uma suposta investigação levada a cabo pela própria Universidade ou pela Universidade rival e pediu-lhes para se pronunciarem sobre o vandalismo no *campus* num debate a ser (supostamente) difundido pelos media. Por fim, os sujeitos foram de novo inquiridos sobre a pertinência deste tipo de estudos e do estudo considerado. As respostas dos sujeitos fornecidas antes e depois da manipulação foram comparadas. Com base nos estudos de Deconchy (1971) foi hipostasiado que os sujeitos na presença de uma fonte de ameaça do *outgrupo* — a ULB — diminuiriam a relevância do estudo enquanto que na condição *ingroup* — UCL — o não fariam. Foi igualmente hipostasiado de que isto seria o resultado de um processo normativo pelo que o efeito só deveria emergir posteriormente à discussão e não antes. Os resultados vieram mostrar uma polarização dos julgamentos consistente com os trabalhos de Tesser (1978; Millar & Tesser, 1986). Se num primeiro momento (antes de tomar conhecimento do conteúdo do estudo), os sujeitos em ambas as

condições mostraram receptividade para discutir as questões em análise, o mesmo não aconteceu após tomarem conhecimento do conteúdo deste, na condição *outgroup*. Na condição *ingroup*, os sujeitos admitiram comportamentos de vandalismo por parte de elementos do *campus* enquanto que na condição *outgroup* puseram em causa o estudo e os investigadores que o teriam levado a cabo. A recusa de credibilidade emerge assim como um processo normativo. Os inquiridos consideraram os argumentos do outro grupo pouco convincentes mais pelo facto de virem desse grupo que pela qualidade do conteúdo (a mesma). Por outro lado, na sequência de outros estudos foi hipostasiado que os aspectos afectivos estruturantes de uma representação social (DiGiacomo, 1980; Herzlich, 1972; Paez, 1987) são discerníveis na produção linguística dos inquiridos. Curiosamente, a análise do tom afectivo associado ao léxico veio revelar algo diferente. Na condição *ingroup* os sujeitos dividiram-se quanto à avaliação que produziram sobre o vandalismo no *campus*. Para uns o vandalismo foi consignado como uma faceta positiva da identidade Louvanista, enquanto que para outros sinónimo de irregularidade no seio do grupo. Curiosamente, esta clivagem não emergiu na condição *outgroup*, centrando-se os inquiridos no *campus* rival.

A pertinência das críticas formuladas à noção de representação social põe em causa o interesse da noção: (a) verbalizações diversas podem ter por base um mesmo substrato representacional do objecto, (b) a um mesmo tipo de léxico podem corresponder posições diferentes na matéria.

Representações sociais e atribuições

Para além dos factores ligados à inserção social, às auto-apresentações dos indivíduos e aos factores linguísticos, outros aspectos existem que merecem atenção. Estas produções discursivas não estão isoladas de outras actividades cognitivas (cf. Moscovici & Hewstone, 1984). Hewstone, Jaspars e Lalljee (1982) ilustram esta ideia a propósito da explicação dos desempenhos bem e mal sucedidos de indivíduos pertencentes a um grupo de estatuto social elevado e a um grupo

de estatuto social baixo. Os dados sugerem que a forma como os indivíduos explicam os desempenhos se relaciona com a forma como eles se situam na matriz social (cf. também Vala, 1984, a propósito da explicação da violência). Num estudo sobre a percepção das causas do desemprego na Bélgica pudemos igualmente observar que as explicações fornecidas decorriam das representações que a população tinha sobre a esfera do trabalho e da família (Sousa, 1983). O desemprego masculino suscitou uma produção linguística organizada à volta das ideias de um perfil pouco competitivo na esfera do trabalho, e, do contexto socio-económico do país. Já o desemprego feminino mereceu uma análise diferenciada por parte dos sujeitos. Os indivíduos do sexo masculino consideraram-no uma injustiça, um atentado à realização pessoal da mulher, com consequências económicas graves para ela enquanto que as mulheres minimizaram a relevância deste fenómeno, centrando-se, por um lado, na importância das tarefas ligadas à esfera familiar, e, por outro, na dificuldade e desinteresse pela competição com o homem no mercado de trabalho.

Apesar de intuitivamente a articulação entre representações sociais e atribuições ser evidente, e, de alguns estudos a ilustrarem, parece-nos importante aprofundar este aspecto. A articulação parece resultar de uma posição que consigna «eu actuo da forma que penso». Já concluímos acima do carácter modélico das representações e da importância das auto-apresentações. Se levarmos este raciocínio *in extremis* não poderemos aceitar que os indivíduos possam ter representações diferentes e no entanto privilegiar um mesmo tipo de causalidade? Por outro lado, no âmbito da atribuição é aceite que os indivíduos não procuram explicações causais a todo o momento (Weary & Harvey, 1985). Deste modo pareceria possível uma certa independência entre estes dois aspectos das cognições (cf Paez, 1987, a propósito da representação social da doença mental).

Discussão

A investigação acumulada nas duas últimas décadas sob a égide de representações sociais é considerável. O objecto destas produções

discursivas variou da representação da tarefa (Abric, 1970; Codol, 1969; 1984), violência (Vala, 1984), justiça (Almodovar, 1988; Quadrio, Castellani & Sala, 1988; Robert & Faugeron, 1978; Rodrigues, Sousa & Marques, 1984), a temas ligados à economia (Vergès, 1987; Belleli, Morelli, Petrillo & Serino, 1983), género sexual (Aebischer, 1985; Lloyd, 1986; Lorenzi-Cioldi, 1988; Sousa, 1983), corpo (Jodelet, 1984) saúde mental (DeRosa & Schurmans, 1989; Jodelet, 1989; Paez, 1987) para citar apenas alguns. Não obstante o seu número, os estudos raramente procuraram aprofundar a noção de representação social.

Uma ideia largamente difundida na comunidade científica que se dedica ao estudo das representações sociais é a de que contrariamente a outras abordagens, esta noção permite articular processos cognitivos com processos grupais e intergrupais. No entanto, pela literatura a que tivemos acesso raramente esta temática foi aprofundada. Algumas das excepções, sublinham os constrangimentos imediatos e instáveis que operam nos contextos grupais e mais especificamente no léxico produzido pelos sujeitos, reforçando a ideia de que os termos à luz dos quais se compreende o mundo são produto de trocas situadas historicamente (cf. Gergen, 1985). Emerge, por exemplo, a ideia de que face a uma ameaça do *outgroup*, os indivíduos têm uma produção linguística estereotipada baseada num número reduzido de dimensões (Sousa & Cuvelier, 1990), e, tendem a polarizar as suas posições em função das suas identificações sociais (DiGiacomo, 1980, 1981; Sousa, 1987).

Em matéria de representações sociais, assumiu-se que os grupos ou categorias sociais têm uma representação própria da realidade (DiGiacomo, 1987), procurando os investigadores relevar contrastes de léxico entre grupos ou categorias (uma das raras excepções é o trabalho de LeBouedec, 1979). Diferenças no léxico emergem assim como o indicador por excelência de diferenças de representação. Implicitamente sugeria-se a independência de funcionamento dos sistemas semióticos e das representações sociais, o que é questionável tendo em consideração os trabalhos aqui analisados.

Por outro lado, no que concerne a articulação

representações sociais e atribuições causais parece-nos necessário o teste desta ideia. Como o assinala Paez (1987) os inquiridos podem ter uma representação do objecto sem no entanto definirem uma explicação para o fenómeno. Por outro lado, a explicação poder variar em função de factores como o tipo de audiência, os pressupostos partilhados na situação.

Em suma, a dimensão social dos processos cognitivos negligenciada pelos partidários de uma psicologia social americana (DiGiacomo, 1981; Paez, 1987; DeRosa, 1990) e apanágio da abordagem das representações sociais continua em aberto décadas depois do seu aparecimento. Por outro lado, a abordagem dos próprios processos cognitivos padece dos defeitos apontados a outras abordagens da psicologia social (cf, por exemplo, a atribuição causal). *A la limite*, podemos interrogarmo-nos sobre o «apport» desta noção para a psicologia comparativamente com os do estudo de estereótipos, valores ou interaccionismo simbólico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abric, J-C. (1970). Image de la tâche, image du partenaire et coopération en situation de jeu. *Cahiers de Psychologie*, 13: 71-82.
- Abric, J-C. (1987). *Coopération, Compétition et Représentations Sociales*. Fribourg: DelVal.
- Aebischer, V. (1985). *Les Femmes et le Langage: les Représentations Sociales d'une Différence*. Paris: P.U.F.
- Aebischer, V., Deconchy, J-P. & Lipianski, R. (1990). *Idéologie et Représentations Sociales*. Fribourg: DelVal.
- Almodovar, M.J. (1988). Le psychologue, le juge et l'enfant. La mobilisation des savoirs psychologiques dans l'intervention judiciaire. *Cahiers du CRIV*, 4: 62-72.
- Belleli, G., Morelli, M., Petrillo, G. & Serino, C. (1983). La rappresentazione dei rapporti economici e lo sviluppo degli orientamenti di azioni. *Psicologia e Società*, 3-4: 17-27.
- Billig, M (1988). Social representation, objectification and anchoring: a rhetorical analysis. *Social Behaviour*, 3: 1-16.
- Chombart de Lauwe, M-J. (1984). Changes in the representation of the child. In *Social Representations* (R. Farr & S. Moscovici, Eds.), Paris: Cambridge University Press/Maison des Sciences de l'Homme.
- Codol, J-P. (1969). Représentation de soi, d'autrui et de la tâche dans une situation sociale. *Psychologie Française*, 14: 217-228.
- Codol, J-P. (1984). On the system of representations in an artificial social situation. In *Social Representations* (R. Farr & S. Moscovici, Eds.), Paris: Cambridge University Press/Maison des Sciences de l'Homme.
- Deconchy, J-P. (1971). *L'Orthodoxie Religieuse*. Paris: Editions Ouvrières.
- DePaolis, P. (1986). *La résistible ascension professionnelle du psychologue*. Tese de Doutoramento de 3º Ciclo. Paris: Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales.
- DeRosa, A. S. (1990). Social cognition and social representation: two ways towards knowledge of the social world. *European Conference on Social Cognition*, Munique, Setembro.
- DeRosa, A.S. & Shurmans, M.N. (1989). Madness imagery across two countries. *International Association for Cross Cultural Psychology*, Amsterdão, Junho-Julho.
- DiGiacomo, J-P. (1980). Intergroup alliances and rejections within a protest movement: analysis of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 10: 329-344.
- DiGiacomo, J-P. (1981). *Représentations sociales et comportements collectifs*. Tese de Doutoramento, U.C.L..
- DiGiacomo, J-P. (1987). Teoria y métodos de análisis de las representaciones sociales. In *Pensamiento, Individuo y Sociedad* (D. Paez, Ed.), Madrid: Fundamentos.
- Doise, W. (1984). Levels of analysis in the experimental study of intergroup relations. In *Social Representations* (S. Moscovici & R. Farr, Eds.), Cambridge: Cambridge University Press.
- Doise, W. (1985). Les représentations sociales: définition d'un concept. *Connexions*, 45: 243-253.
- Durkheim, E. (1898). Représentations individuelles et représentations collectives. *Revue de Métaphysique et Morale*, 6: 273-302.
- Eiser, R. (1986). *Social Psychology: Attitudes, Cognition and Social Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Farr, R. & Moscovici, S. (1984). *Social Representations*. Paris: Cambridge University Press/Maison des Sciences de l'Homme.
- Gergen K. (1985). *The Social Construction of the Person*. New York: Springer-Verlag.
- Gladly, M (1986). Les opérations socio-cognitives mobilisées par un questionnaire d'association de mots. *Bulletin de Méthodologie Sociologique*, 9.
- Gilly, M. (1980). *Maître-Elèves: Rôles Institutionnels et Représentations*. Paris: P.U.F.
- Harvey, J. & Weary, G. (1985). *Attribution: Basic*

- Issues and Applications. New York: Academic Press.
- Hewstone, M., Jaspars, J. & Lalljee, M. (1982). Social representations, social attribution and social identity: the intergroup images of public and comprehensive schoolboys. *European Journal of Social Psychology*, 12: 241-261.
- Hintikka, J. (1981). Questions de réponses et bien d'autres questions encore. *Langue Française*, 52: 56-70.
- Jodelet, D. (1976). *La Représentation Sociale du Corps*. Paris: Cordes.
- Jodelet, D. (1984). Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In *Psychologie Sociale* (S. Moscovici, Ed.), pp. 357-378, Paris: P.U.F..
- Jodelet, D. (1989). *Folie et Représentations Sociales*. Paris: P.U.F..
- Kaes, R. (1968). *Images de la Culture chez les Ouvriers Français*. Paris: Cujas.
- LeBouedec, G. (1979). *Contribution à la méthodologie d'étude des représentations sociales*. Tese de Doutoramento, U.C.L..
- LeComte, P. & Gladly, M. (1989). Analyse du discours et représentations sociales. In *Perspectives Cognitives et Conduites Sociales: représentations et processus socio-cognitifs* (J-L. Beauvois, R-V. Joule & J-M. Monteil, Eds.), Cousset, Fribourg: DelVal.
- Lloyd, B. (1986). The social representation of gender. In *Making sense: the child's construction of the world* (J. Bruner, H. Weinreich-Haste, Eds.), London: Methuen.
- Lorenzi-Cioldi, F. (1988). *Individus Dominants et Dominés. Images Masculines et Féminines*. Grenoble: Presse Universitaire de Grenoble.
- Marques, J. (1983). Das estruturas cognitivas às representações sociais. *Psicologia*, 4: 239-250.
- McGuire, G. (1986). The vicissitudes of attitudes and similar representational constructs in twentieth century psychology. *European Journal of Social Psychology*, 16: 89-130.
- Millar, M. & Tesser, A. (1986). Thought-induced attitude change: the effects of schema structure and commitment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51: 259-269.
- Moscovici, S. (1961). *La Psychanalyse, son Image et son Public*. Paris: PUF.
- Moscovici, S. (1973). Prefácio. In *Health and Illness* (C. Herzlich, Ed.), Londres: Academic Press.
- Moscovici, S. (1976). *Social Influence and Social Change*. Londres: Academic Press.
- Moscovici, S. (1981). On social representations. In *Social Cognition* (J-P Forgas, Ed.), Londres: Academic Press.
- Moscovici, S. (1982). The coming era of social representations. In *Cognitive Analysis of Social Behaviour* (J-P. Codol & J-P. Leyens, Eds.), Hague: Martinus Nijhoff Publications.
- Moscovici, S. & Hewstone, M. (1984). De la science au sens-commun. In *Psychologie Sociale* (S. Moscovici, Ed.), Paris: PUF.
- Paez, D. (1987). *Pensamiento, Individuo y Sociedad: Cognición y representación social*. Madrid: Fundamentos.
- Potter, J. & Litton, I. (1985). Some problems underlying the theory of social representations. *British Journal of Social Psychology*, 24: 81-90.
- Quadrio, A., Castellani, P. & Sala, V. (1988). The social representation of politics. *Archivio di psicologia, neurologia e psichiatria*, 1: 5-27.
- Ramognino, N. (1984). Questions sur l'usage de la notion de représentations en sociologie. In *Les Savoirs dans les Pratiques Quotidiennes* (C. Belisle & B. Schiele, Eds.), Lyon: CNRS.
- Robert, P. & Faugeron, C. (1978). *La Justice et son Public: les représentations sociales du système pénal*. Paris: Masson.
- Sousa, E. (1983). *La perception des Compétences Féminines*. Tese de Mestrado, U.C.L..
- Sousa, E. (1988a). A dimensão social das atribuições. *Análise Psicológica*, 3-4 (VI): 347-366.
- Sousa, E. (1989). *Group perceptions and identification patterns*. Comunicação apresentada no East-West Meeting da E.A.E.S.P., Varsóvia.
- Sousa, E. & Cuvelier, P. (1986). *Source of threat and social representations*. Note de Recherche, U.C.L..
- Sousa, E., Mahjoub, A. & Leyens, J-P. (1986). Les représentations du co-développement et du développement intégré. *Nouvelles Brèves. Codicile*, 9, Junho.
- Sousa, E. & Leyens, J-Ph. (1987). A priori versus spontaneous models of causal attribution. *British Journal of Social Psychology*, 26: 281-292.
- Tesser, A. (1978). Self-generated attitude-change. In *Advances in Experimental Social Psychology* (L. Berkowitz, Ed.), Vol II., New York: Academic Press.
- Vala, J. (1981). *Grupos sociais e representação social da violência*. *Psicologia*, 2: 329-342.
- Vala, J. (1984). *La Production Sociale de la Violence: Représentations et Comportementes*. Tese de Doutoramento, U.C.L..
- Vala, J. (1986). Sobre as representações sociais — para uma análise da epistemologia do senso comum. *Cadernos de Ciências Sociais*, 4: 5-29.
- Vergès, P. (1987). A social and cognitive approach to economic representations. In *Current Issues in European Social Psychology* (W. Doise & S. Moscovici, Eds.), II, Cambridge: Cambridge University Press.

Watzlawick, P. (1988). *L'Invention de la Réalité*. Paris: Seuil.

Windisch, U. (1982). *Pensée Sociale, Langage en Usage et Logiques Autres*. Lausanne: L'Age d'Homme.

problemas directamente e que aqueles que o fazem põem em questão alguns dos pressupostos implícitos ao estudo das representações sociais.

RESUMO

Este texto considera as dimensões afectiva, cognitiva e comportamental das representações sociais. Sugere-se que esta área de estudo tem estado sujeita a ambiguidades de vários tipos. Frequentemente, as componentes afectiva e comportamental têm sido vistas como decorrendo da lógica dos conteúdos evidenciados pelos investigadores. A negociação de imagens tem sido uma faceta negligenciada. Os factores linguísticos foram frequentemente considerados como independentes do funcionamento das representações sociais. Os investigadores assumiram que as representações sociais e as atribuições seguem uma mesma lógica. As identificações sociais raramente foram medidas. Acresce que muito poucos estudos abordam estes

ABSTRACT

This paper discusses the affective, cognitive and behavioural features of social representations. It is suggested that major ebbs and flows have marked the field of social representations. Often, the affective and behavioural components have been assumed to follow the logic of the contents researchers put in evidence. The bargaining of social images was disregarded. Linguistic factors have been assumed to be independent from the functioning of social representations. Researchers have assumed that social representations and attributions follow a same rationale. The Social identifications seldom were measured. Yet, very few studies addressed these problems directly. Indeed, those which did question some of the widely accepted assumptions.